

CAPRICHOSAS E OUSADAS MANIPULAÇÕES DA GÊNESE INVENTIVA DE GUIMARÃES ROSA EM PRIMEIRAS ESTÓRIAS¹

Gabriela Guimarães Jeronimo²; Maria Helena de Paula³
Universidade Federal de Goiás – *Campus Catalão*
carpedien33@hotmail.com; mhpcat@gmail.com

Palavras-chave: Léxico; Neologia Literária; Guimarães Rosa.

Introdução

Além da grande importância de Guimarães Rosa para a literatura brasileira, devido à forma peculiar com que tratou de temas aparentemente regionais, no caso, a cultura mineira e o interior do Brasil, universalizando-os, uma das principais razões que nos motivou para a realização deste trabalho refere-se à sua inventividade lexical na obra *Primeiras Estórias* (1995).

João Guimarães Rosa nasceu no dia 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, Minas Gerais, e após passar a infância no centro-norte de seu estado natal, foi para Belo Horizonte, onde cursou o secundário e a faculdade de Medicina, sempre demonstrando grande interesse pela natureza, bichos e plantas, pelos sertanejos e pelo estudo de línguas, chegando a estudar sozinho várias línguas, como alemão, russo e até mesmo esperanto.

Em 16 de novembro 1967, tomou posse na Academia Brasileira de Letras e três dias depois, em 19 de novembro do mesmo ano, faleceu no Rio de Janeiro.

A obra *Primeiras Estórias* foi publicada em 1962⁴, seis anos após *Grande Sertão: Veredas*. É uma coletânea de vinte e um contos que, em sua maioria, são tematizados pelas diferentes fases da vida humana, como a velhice e a infância, quando as personagens são vistas como seres de exceção por apresentarem um comportamento diferente do que é aceitável ou comum à sociedade e por serem os extremos da vida. Macedo (1998) afirma que as personagens deste livro são seres inadaptados, seja por seu estágio de evolução (infância ou velhice), por atitudes surpreendentes ou por estarem à margem da vida social.

A referida obra, mesmo sendo considerada diferente com relação à estrutura das obras publicadas anteriormente, por se tratar de um livro de contos que se aproximam muito de

¹ O presente relatório foi revisado pela Profª. Drª. Maria Helena de Paula.

² Aluna do 7º período do Curso de Letras, bolsita PIBIC/CNPq – UFG/CAC, orientanda.

³ Professora do Departamento de Letras – UFG/CAC, orientadora.

⁴ Nesse estudo, usamos a 28ª edição, publicada em 1995.

ensaios de natureza estética ou científicas e também pelo número reduzido de páginas para cada narrativa, manteve a característica da inventividade neológica do autor já demonstrada em produções anteriores, expediente estético e lingüístico que será analisado adiante.

O nosso interesse por estudar a criatividade lexical de Rosa se deve a inúmeros estudos conhecidos sobre este processo de renovação linguística de que ele lança mão nas suas obras, como o magistral trabalho de Nilce Sant'Anna Martins (2001)⁵ e tantos outros. Neste estudo, trazemos alguns neologismos que não constam na obra da referida autora sobre o levantamento minucioso do léxico de Rosa.

A neologia lexical em obras literárias aponta mais que um importante material para estudos da língua; é, antes, uma possibilidade de compreender a estilística literária enquanto um recurso da inventividade dentro das possibilidades morfolexicais de uma dada língua. É nessa perspectiva que apresentamos aqui alguns resultados de nossa investigação sobre as *Caprichosas e ousadas manipulações da gênese inventiva roseana*.

Objetivos

Pretende o presente trabalho, de modo geral, conhecer *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa, e seu processo de criação e renovação lexical em favor da estética e discutir os neologismos roseanos, enquanto resultado de uma adaptação de recursos de que dispõe o vasto e aberto inventário da língua.

Dentre as muitas e possíveis abordagens de investigação da obra, optamos por propor um inventário dos neologismos e descrever e analisar seu processo de formação no léxico ou dizendo com Rocha (1998), na espécie de *co-sistema* criado pelo referido escritor.

Desse modo, pretendemos também contribuir para os estudos linguísticos feitos na área de morfologia com foco na formação de novas palavras, especialmente no campo da neologia literária, mais particularmente na literatura roseana.

Metodologia

A referida pesquisa, como já dito, tem como *corpus* de estudo a obra *Primeiras Estórias* (1995), de que foram feitas, primeiramente, a leitura e a exegese para que assim

⁵ Neste estudo, trazemos alguns neologismos que não constam na obra da referida autora sobre o levantamento minucioso do léxico de Rosa.

podéssemos apreender a temática de cada conto; posteriormente, efetivou-se a identificação prévia dos possíveis neologismos. Seguidamente, para confirmação definitiva dos mesmos, recorremos a três dicionários gerais da língua portuguesa, pois,

em razão da não-existência de bancos de dados lexicais relativos ao português brasileiro, os quais nos possibilitariam verificar as eventuais ocorrências de uma unidade léxica, consideramos como neológicos os itens lexicais não registrados no dicionário (ALVES, 1990, p. 10).

Para esta etapa, utilizamos o *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975), o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, organizado por Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009) e o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo (1925) para identificação dos neologismos selecionados para análise.

A escolha por tais dicionários gerais se deu considerando a intenção de verificar se os itens lexicais haviam se dicionarizado. Aurélio B. H. Ferreira (1975) publicou seu dicionário treze anos após a primeira publicação de *Primeiras Estórias*, em 1962, e já apresentava marcada experiência como dicionarista, o que nos permite considerá-lo um quase contemporâneo da coletânea em análise. Assim, se ele não registrou o verbete, item lexical criado por Rosa (1995), hipotetizamos que as *ousadas e caprichosas manipulações inventivas* do autor teriam dado origem a um neologismo.

Consultar Houaiss (2009) nos possibilitou entender que muitas criações roseanas, ainda que passados quase cinquenta anos, permanecem como neologismos. Figueiredo (1925) nos permitiu verificar se o que julgávamos neologismos roseanos não se tratava de arcaísmos, uma vez que o autor se faz reconhecido sobremaneira pela retomada de velhas e desusadas formas lingüísticas. Quando confirmada essa hipótese, o item até então considerado neologismo era excluído de nossos dados.

Após a identificação dos neologismos, iniciamos as análises dos processos de formação das novas palavras à luz da teoria da morfologia lexical, com viés estilístico, para a confirmação da criação neológica e sua força inventiva no conjunto dos contos roseanos em análise.

Por fim, ao término das análises concordamos com Barbosa (2001) de que é necessário levar em consideração algumas questões, como quem criou a nova palavra, em que universo de discurso foi produzida, em que tempo, em que lugar geográfico e semântico, para quem foi criada e como foi criada, de forma que ao final desses procedimentos os neologismos possam ser inseridos no inventário junto às outras novas palavras.

Resultados

Dos processos de formação neológica, identificamos um total de 421 novas palavras, sendo 193 formadas por derivação sufixal, 132 por derivação prefixal, 81 por composição, 6 são neologismos semânticos, 5 por derivação parassintética e 2 por derivação prefixal e sufixal. Por ora, daremos início às análises de alguns neologismos criados por Guimarães Rosa na obra *Primeiras Estórias* e cumpre também dizer que todos os trechos transcritos dos contos da obra em análise foram conservados de acordo com a escrita do autor.

Brutalhudo é um neologismo identificado no conto intitulado *Sorôco, sua mãe, sua filha*, formado pelo processo de derivação sufixal, em que a palavra base *bruta-*, unindo-se ao sufixo *-alho* utilizado para conotar aumentativo ou diminutivo e seguidamente ao sufixo *-udo* formador de substantivos, pode ser considerada uma criação interdita, pois, segundo as regras de formação de palavras (doravante, RFP), o sufixo *-udo* é anexado somente a substantivos e, neste caso, foi anexado a um adjetivo, ocorrendo dessa forma, a transgressão. No contexto em que foi inserida, a nova palavra foi utilizada para caracterizar Sorôco, possivelmente com o significado de *rústico, rijo*, como podemos verificar no trecho: “[...] Ele era um homenzão, *brutalhudo* de corpo, com a cara grande, uma barba, fiosa, encardida em amarelo, e uns pés, com alpercatas [...]” (ROSA, 1995, p. 19).

Desnascêr é uma construção neológica presente no conto *Nenhum, nenhuma*, formada através da anteposição do prefixo de negação ou oposição *des-* ao verbo *nascêr*. No trecho em que este neologismo foi utilizado, pode significar *morrer*, como podemos notar ao lermos o seguinte trecho: “[...] a gente pensava que ela devia de ter nascido assim, com aquele copo de água pela borda, e conservá-lo até à hora de *desnascêr*: dele nada se derramasse [...]” (ROSA, 1995, p. 51).

Encontrada no conto *Darândina*, a construção neológica **empalmeirado** é formada por derivação parassintética, porquanto foram anexados simultaneamente à palavra base *palmeira* o prefixo *-em* que pode conotar a idéia de transformação ou aquisição de uma qualidade, de um estado novo; e o sufixo formador de substantivos e adjetivos *-ado*. Utilizada no seguinte contexto: “[...] Fitava-se o nosso homem *empalmeirado* [...]” (ROSA, 1995, p. 126), pode significar *transformado em palmeira* ou *em forma de palmeira*, pois se trata de um suposto ladrão, que sendo perseguido refugia-se escalando em uma palmeira gerando um grande reboliço na cidade.

A construção neológica **fazendo**, identificada no conto *A menina de lá*, trata-se de um neologismo semântico, em que o verbo *fazer* que, segundo as definições encontradas nos

dicionários, significa *produzir através de determinada ação; realizar, obrar*, passa a ter o sentido de *sentir*, como podemos constatar no trecho do conto: “[...] Eeu? Tou *fazendo* saude [...]” (ROSA, 1995, p. 23).

Funebrilhos (ROSA, 1995, p. 26) é uma nova encontrada no conto *A menina de lá*; trata-se de um neologismo formado por composição subordinativa por aglutinação, enquanto processo primário, e fonológico complementar como secundário. No primeiro, a palavra *fúnebre* (determinado) unindo-se à palavra *brilhos* (determinante), pode assumir o significado de *brilhos fúnebres* ou *brilhos apropriados para funerais*. Consideramo-lo como processo fonológico por se tratar de uma sequência inédita de morfemas ou palavra-valise.

Outromodo (ROSA, 1995, p. 113) é neologismo identificado no conto *A benfazeja*, formado por composição subordinativa por justaposição em que a palavra *outro* exerce a função de determinado e *modo* a de determinante, sem haver algum tipo de alteração na estrutura de ambas as palavras. Considerando o contexto em que se encontra inserida, *outromodo* pode significar *de outra maneira, noutro sentido*.

Relucidado, neologismo encontrado no conto *Darândina*, em que o prefixo *re-* (idéia de reforço, intensificação) e o sufixo *-ado* (formador de adjetivos) foram anexados simultaneamente à palavra base *lúcido*, adquire o significado de *mais que lúcido; em pleno estado de razão* ou “[...] Pior que lúcido, *relucidado*; [...]” (ROSA, 1995, p. 135). Entretanto, diferentemente da derivação parassintética em que a palavra terá sentido apenas com a presença dos dois afixos ao mesmo tempo, aqui na ausência de um deles, ainda haverá sentido, razão por que o processo de criação é a derivação prefixal e sufixal.

Discussão

Antes de nos enveredarmos no universo de inventividade lexical de Rosa, devemos primeiramente compreender o que é o neologismo. Tentaremos trazer aqui não apenas uma simples definição, mas uma idéia mais aprofundada a respeito desta forma de produção lexical e que serviu de direcionamento teórico à pesquisa empreendida que ora relatamos.

Neologismos são novas palavras criadas num determinado universo de discurso, isto é, o elemento resultante da neologia, correspondendo esta ao processo de criação lexical. Mas, segundo Barbosa (2001), o neologismo enquanto fato linguístico e cultural pode ser caracterizado como instrumento de uma ideologia, de um determinado momento da história, tornando assim, signos-símbolos de certas facetas culturais, pois os signos surgem de acordo com as necessidades do meio social.

Nas línguas de especialidade ou técnico-científicas específicas, encontramos os neônimos (tecnoletos), elementos resultantes da neónimia, processo de originação de novos termos nas línguas de especialidade que, para Barbosa (2001), são palavras criadas por um grupo restrito de especialistas do seu universo de discurso específico, de modo que o neologismo e o neônimo são isomorfos quanto ao processo de estruturação; dito de outra forma, ambos são termos distintos, mas possuem o mesmo tipo de relações combinatórias, em que os neologismos

são produzidos concomitantemente a recortes culturais, articulados aos quais sustentam a ‘visão de mundo’ e o sistema da experiência comuns e gerais, do grupo social; e os neônimos são gerados, via de regra, no âmbito de um grupo restrito de especialistas, do seu universo de discurso específico – tecnoleto –, correspondem a recortes culturais efetuados – como re-recortes procurados – sobre uma zona bem delimitada e circunscrita da substância semântica, sustentam uma ‘visão de mundo’ segunda, obrigatoriamente de caráter metalinguístico (BARBOSA, 2001, p. 46).

Entretanto, não é sempre que uma palavra de caráter inédito será considerada um neologismo logo de imediato, pois antes é necessário que ela passe por algumas “etapas” consideradas importantes para ser tida como um neologismo, “o instante mesmo de sua criação; o momento pós-criação; o momento em que começa a dar-se a sua desneologização” (BARBOSA, 2001, p. 37).

A desneologização é o momento em que a nova palavra já não é mais concebida como neologismo, passando a integrar o inventário das unidades léxicas memorizadas entre os falantes, isto é, começa a fazer parte de uma norma, seja de um grupo determinado de falantes ou da norma geral da língua em questão e, em alguns casos, pode ser inserida nos dicionários. Tal fato Alves (1990) chama de “sentimento de neologia” e acontece na medida em que a comunidade linguística passa ou não a fazer uso do elemento neológico, em que alguns fatores extralinguísticos (políticos, econômicos, culturais) influenciam nesse processo, o que nos autoriza a afirmar haver, muitas vezes, uma arbitrariedade na escolha das palavras que serão inseridas no dicionário.

Esta arbitrariedade acaba trazendo algumas dificuldades no processo de identificação de um neologismo, pois como já dito, a forma de se identificar o caráter neológico de uma palavra acontece através da consulta ao dicionário, mas podem existir palavras que já fazendo parte do léxico de uma comunidade não são dicionarizadas, ao passo que outras tendo caído em desuso, ainda continuam sendo dicionarizadas.

Na concepção de Barbosa (2001), o próprio conceito de neologismo é relativo e não absoluto, podendo ser analisado em quatro perspectivas diferentes: a diacrônica, que

corresponde ao processo em que o neologismo percorre ao longo do tempo, noutras palavras, desde a sua criação até o momento de seu desaparecimento ou desneologização; a diatópica que se trata da transmissão de um neologismo pertencente a uma determinada norma regional para outra distinta, sendo reconhecido nesta norma como uma nova palavra. Dessa forma, na perspectiva diatópica, o neologismo acontece em um dado nível regional, ou seja, de região para outra região.

Para a autora, na perspectiva diastrática o processo acontece de forma semelhante à diatópica, porém, a diferença encontra-se no fato de que, aqui, a migração do neologismo acontece entre classes sociais distintas, em que o universo discursivo também apresenta diferenças, ou seja, o léxico utilizado varia de uma comunidade para outra. Por fim, a diafásica, que se refere ao neologismo técnico-científico que já tendo passado pelo processo de desneologização na sua área específica, ao ser adotado em outra área de conhecimento e apresentando outra conotação, assume novamente a função de neologismo.

Dentre os processos de criação neológica, encontramos os neologismos fonológicos que Barbosa (2001), compartilhando da mesma concepção de Alves (1990), define como um processo no qual a mudança ocorre no significante da palavra, resultando em uma forma inusitada na língua até aquele dado momento de sua criação, acrescentando apenas as duas subdivisões deste tipo de processo: o neologismo fonológico específico e o complementar que correspondem, respectivamente, à combinatória inédita de fonemas (unidades mínimas destituídas de significado), distribuído também em duas subclasses (*ex-nihilo* e onomatopaico), e combinatória inédita de morfemas (unidades mínimas portadoras de significação).

Os neologismos semânticos são gerados a partir de palavras já existentes, havendo uma mudança apenas no seu significado (conceito), correspondendo assim ao novo recorte cultural em que foi inserido. Dessa forma,

Dentre os mecanismos que engendram neologismos semânticos, destacamos o emprego conotativo de um lexema, o deslocamento de semas no eixo da especificidade semêmica, a transposição de um lexema, de um universo de discurso para outro, o emprego com desfoque semântico de um lexema, a conversão categorial, processos esses sempre situados nas tensões dialéticas sistema/contexto enunciativo e consenso/especificidade (BARBOSA, 2001, p. 41).

No entanto, vale ressaltar que uma palavra será considerada um neologismo semântico apenas nas ocasiões em que o novo significado não se tratar de um caso de polissemia, pois como afirma Rocha (2008), a polissemia está relacionada às diversas adaptações de sentido

que a palavra pode sofrer de acordo com as circunstâncias em que é utilizada, mas sem se desvincular de seu sentido básico inicial. Assim, para assumir o caráter de neologismo semântico, a suposta nova palavra deverá adquirir um significado inusitado, desvinculando-se do sentido básico da palavra em questão.

Temos também os neologismos formados por derivação e composição, que seriam respectivamente, os que se originam através da combinatória lexicalizada de signos mínimos e os originários da combinação de vocábulos, sendo classificados por Barbosa (2001) como neologismos sintagmáticos, resultantes da combinação de elementos já existentes na língua.

Já Alves (1990) classifica os neologismos formados por derivação como neologismos sintáticos, abordando as formações por composição separadamente. Segundo a autora, encontramos novas palavras criadas pelo processo de derivação prefixal (união de um prefixo a uma palavra base) em que podem ocorrer mudanças na classe gramatical (prefixo unido a uma base substantiva, podendo atribuir-lhe função adjetiva e mesmo adverbial); substantivação de prefixos, que ao passarem pelo processo de nominalização passam a exercer a função de substantivo; transferência de significados para prefixos, que são aqueles que ao serem empregados de forma isolada em função substantival passam a concorrer com os próprios neologismos a quem deram origem; oposição entre prefixos, em que dois prefixos com significados diferentes são empregados em uma mesma base; e economia discursiva, que são as frases expressas por meio de um prefixo, tornando-se mais curtas, obtendo uma construção sintática mais econômica.

A autora fala também sobre a derivação sufixal, em que são encontrados os sufixos nominais, formadores de substantivos e adjetivos, os sufixos verbais, formadores de verbos e os adverbiais que, unindo-se a bases adjetivas femininas, formam advérbios. Existe também a concorrência entre sufixos, que ocorre quando vários sufixos diferentes se ligam à mesma base; ocorre, também, a sufixação para expressão da pejoratividade, quando os sufixos são usados com a função de formar palavra com conotação pejorativa.

Na derivação parassintética, são anexados simultaneamente a uma palavra base dois afixos (prefixo e sufixo). Entretanto, não podemos confundir a derivação parassintética com a derivação prefixal e sufixal pois, na primeira, a palavra só terá sentido completo com a presença dos dois afixos, de modo que se retirado de sua estrutura o prefixo ou o sufixo esvaise seu sentido e gramaticalidade como palavra nova; no segundo processo, a palavra base possui os dois afixos, mas na ausência de um deles, ainda haverá sentido, como em *relucidado* (ROSA, 1995, *Darândina*, p. 135), em que podemos ter *relúcida* (o) e *lucidado*, da mesma forma que em *infelizmente* temos tanto *felizmente* quanto *infeliz*.

Para Alves (1990), nos neologismos formados por composição existe uma justaposição de bases autônomas ou não-autônomas em que podemos encontrar: i) a composição subordinativa que ocorre entre dois substantivos na ordem determinado seguido de determinante ou vice-versa, com o determinante exercendo a função adjetival; ii) a composição coordenativa, formada por justaposição de palavras que possuem a mesma função sintática; iii) a composição satírica, que são neologismos criados com o intuito de chamar a atenção do leitor, muitas vezes com sentido cômico e irônico.

Existe também a composição entre bases não-autônomas, que são aquelas que possuem origem erudita e se encontram presentes com mais frequência nos vocabulários especializados; a composição sintagmática, que conserva a classe gramatical a que os elementos constituintes pertencem, sendo que estes passam a funcionar como uma única unidade léxica mantendo sempre a mesma ordem de apresentação (determinado/determinante). E por fim, a composição por siglas ou acronímica, resultante da junção das iniciais do sintagma, formando assim a sigla, a fim de promover uma economia discursiva e que, fazendo parte do domínio popular, geram os derivados de siglas.

Quanto ao último tipo de composição abordado por Alves (1990), a acronímica, Rocha (2008) faz uma denominação diferente chamando-a de derivação siglada, em que as siglas, sendo derivadas de um substantivo ao mesmo tempo próprio e composto, funcionam como palavras normais da língua sendo capazes de formar novos itens lexicais.

Ainda sobre a composição, Kehdi (2002), além de apresentar a composição por justaposição, aborda sobre a composição por aglutinação, em que acontece uma fusão entre os elementos formando um todo fonético e devido a esta fusão, geralmente o primeiro elemento constituinte da palavra sofre algumas alterações, como em *funebrilhos* (ROSA, *A menina de lá*, 1995, p. 26), resultante da retirada do segmento *-bre* da palavra *fúnebre* e posterior adição ou justaposição do substantivo *brilhos*.

A derivação conversiva⁶ ou conversão, segundo Rocha (2008b) consiste na mudança da classe lexical da palavra, isto é, “designa um tipo de formação lexical pelo qual uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição sem que haja manifestação de mudanças formais.” (ALVES, 1990, p. 60). Mas, se não acontecem mudanças formais, ou seja, nos níveis semântico e fonológico da palavra, estaríamos neste caso, nos referindo apenas à mudança de função, em que o advérbio de lugar *onde*, por exemplo, pertencente a

⁶Apesar de existirem alguns estudiosos como Rocha (2008b) e Alves (1990) que consideram a derivação conversiva como mais um processo de formação de palavras, neste trabalho não abordaremos esta perspectiva.

determinada classe gramatical com determinada função sintática e dependendo do contexto em que estiver inserido poderá exercer outra função, como a de sujeito.

Dessa forma, podemos dizer que estaríamos diante de uma mudança de valores, em que uma palavra pode assumir o valor de outra, e não da formação de uma nova palavra, pois “[...] o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; [...]” (SAUSSURE, 2003, p. 135), isto é, o valor de uma palavra será determinado em oposição à outra e não de forma isolada ou relembrando um dos princípios muito caros ao estruturalismo, no caso da sintaxe, é da relação dos termos na oração que temos a função.

Por último, estão os neologismos alogenéticos ou formados por empréstimos, por se tratar de um processo em que é emprestada de outra língua uma unidade lexical. Barbosa (2001) divide este procedimento em quatro tipos: a palavra estrangeira, o peregrinismo, o xenismo e o empréstimo.

Em se tratando dos processos de formação de novas palavras apresentados, podemos perceber que cada universo de discurso apresenta uma determinada prática preferencial nas criações lexicais, ou seja, em uma comunidade linguística pode haver a maior ocorrência de neologismos fonológicos, por exemplo, podendo ser entendido como um traço caracterizador daquela classe discursiva.

Por outro lado, o discurso literário, ao contrário dos demais, não apresenta características que possam ser identificadas como preferenciais, porquanto os neologismos não permanecem restritos às classes de discurso, mas à situação específica da enunciação em que o signo linguístico tende a assumir múltiplos significados, tornando-se polissêmico. É este o universo discursivo, o berço em que Guimarães Rosa cria suas novas palavras.

Na neologia literária, as novas palavras são criadas em favor da estética literária, em que o autor tem a intenção de alcançar maior expressividade. Por isso,

[...] desde que se queira analisar neologismos criados para textos literários, deve-se tanto lançar mão de uma análise morfológica quanto de uma análise estilística, uma vez que, no discurso literário, são exploradas as potencialidades expressivas das palavras (IGNEZ, 2009, p. 29).

No encalço do que afirma Ignez, podemos dizer que em se tratando do neologismo literário, a análise não será feita tomando a palavra apenas de forma isolada, mas também a sua relação com as outras. Para isso, devemos fazer a leitura e apreensão da temática da obra, para que possam ser abordados os efeitos de sentido produzidos já que, segundo a autora, a expressividade depende do contexto.

Convém ressaltar, dizendo com Ignez (2009), que os neologismos literários não são criados especificamente para enriquecer o léxico de uma determinada língua, mas para atingir maior expressividade, causando assim, um efeito de momento que *pode*, no curso da língua, vir a fazer parte do acervo léxico fundamental da língua.

Quanto ao estilo que pode ser adotado pelo escritor, Cardoso (2009) afirma que este está diretamente ligado à escolha, que é intencional, dependendo assim, dos efeitos de sentido que se deseja produzir ou do nível de expressividade que se almeja alcançar, sendo possível criar novas formas ou novas palavras, nas quais ocorrem muitos casos de desvio da norma ou da forma padrão. Mas a autora ressalva que, desde que haja intenção por parte do escritor, o desvio estilístico pode ser visto como uma motivação e é caracterizado pela expressividade.

Entretanto, para Monteiro (1991), podemos encontrar alguns problemas na definição do estilo, como ao relacionarmos o estilo à escolha ou ao desvio da norma, em que no primeiro caso pode ser confundido com o próprio discurso, não podendo ser diferenciado também do idioleto e, no segundo, o problema estaria relacionado à questão da norma que pode ser relativa, dificultando assim, a identificação do que seriam os desvios.

Cabe ressaltar que “[...] nem sempre é fácil identificar um desvio, exatamente pela relatividade do conceito de norma. Em linhas gerais, é lícito admitir a existência de várias normas, consoante as isoglossas, os ambientes socioculturais etc.[...]” (MONTEIRO, 1991, p. 14). Sob essa perspectiva, a norma será definida pelo contexto, bem como o desvio, que será considerado expressivo ou não em relação a esta norma.

Ainda para o autor, o estilo não pode ser conceituado como algo totalmente individual, principalmente no caso dos textos literários, em que não podem ser descartadas as influências que fatores culturais e sócio-históricos exercem sobre as obras.

Dessa forma, no caso do discurso literário, o estilo está relacionado à intenção estética, ou seja, o uso da língua e de suas possibilidades combinatórias para adquirir maior expressividade em favor da estética, em que nem sempre serão necessários os desvios à norma.

Monteiro (1991) afirma que o escritor deve estar em constante processo de recriação em todos os níveis, mas que nem sempre será necessário transgredir as regras do código linguístico para alcançar uma maior expressividade e citando M. Lefebve (1975), o autor apresenta duas espécies de desvio literário “[...] a desestruturação ou violação de uma norma e a estruturação de novas formas de expressão não conflitantes com as regras usuais.” (MONTEIRO, 1991, p. 15). Podemos encontrar na obra de Guimarães Rosa, especificamente em *Primeiras Estórias* (1995), formações nos dois tipos de desvio, ou seja, as que não

transgridem as RFP's (Regras de Formação de Palavras) da língua portuguesa, como também aquelas que não obedecem a tais regras.

Quanto à ocorrência ou a não ocorrência de transgressões das RFP's, concordamos com Rocha (1998a) que a produção neológica de Guimarães Rosa está situada em três margens distintas, em que “[...] a primeira margem é a do léxico real, a segunda é a do léxico possível e a terceira é a do léxico interdito [...]” (MARTINS, 2004, p. 58).

Assim, na primeira margem encontramos as formações que são familiares a uma comunidade linguística, isto é, tratam-se de processos de formação já existentes na língua, como em *desnascer* (*Nenhum, nenhuma*, p. 51), em que a anteposição do prefixo de negação ou oposição *des-* ao verbo *nascer* é comum como em *desconhecer* e *desfazer*, por exemplo.

Na segunda, sendo à margem do léxico possível, Rocha (1998a) explica que esta corresponde às formações que ainda não são existentes na língua, mas que seguem as RFP's. Nessa margem, encontram-se as criações roseanas que podem ser classificadas em dois tipos: as formações criadas pelo autor com o objetivo de concorrer com produtos disponíveis na língua, ou seja, em se tratando de uma formação já bastante utilizada, um novo item lexical é criado pelo autor, de modo que este funcionará como concorrente do item em uso, como no caso de *mesmez* (ROSA, *A benfazeja*, 1995, p. 113), que concorre com *mesmice*.

O outro corresponde às formações criadas pelo autor com o objetivo de preencher a falta ou a não existência de alguns termos, isto é, suprir eventuais lacunas dentro do sistema, como em *congracez* (ROSA, 1995, *Luas-de-mel*, p. 103) e *demoramento* (ROSA, 1995, *A terceira margem do rio*, p. 36), que não existiam no acervo lexical da língua, ou seja, não se encontravam disponíveis e, por isso, foram criadas, contudo não são transgressões por estarem dentro dos padrões das RFP's.

A terceira margem da criação lexical roseana é aquela em que Guimarães Rosa ao criar novas palavras não segue as RFP's da língua portuguesa, originando assim, o que Rocha (1998a) chama de léxico interdito, porque “[...] o autor sai da norma para ser o criador de um co-sistema morfológico do português [...]” (MARTINS, 2004, p. 59). Percebe-se a margem terceira, a do interdito lexical, com os neologismos *brutalhudo* (*Sorôco, sua mãe, sua filha*, p. 19) e *furibundância* (*A benfazeja*, p. 120), em que no primeiro a transgressão ocorre, pois o sufixo *-udo* foi anexado a um adjetivo, ao passo que, de acordo com as RFP's este sufixo pode se unir apenas a substantivos e, no segundo, a transgressão também acontece pois, segundo as RFP's, o sufixo *-ncia* pode ser ligado somente a verbos, e neste caso foi anexado a um adjetivo.

Podemos dizer com Rocha que “[...] Guimarães Rosa leva às últimas consequências as possibilidades da língua [...]” (ROCHA, 1998a, p. 92), dando origem à sua terceira margem da criação lexical ou simplesmente fazendo emergir ou despertar-se do baú virtual-potencial da língua, rompendo com as RFP’s e ultrapassando os limites da língua portuguesa usada no Brasil.

Assim, como já dito, neologismos literários são novas palavras criadas especificamente em favor de estética e da expressividade, identificamos 421 novas palavras, em que pudemos encontrar criações nos três níveis de inventividade ou como prefere Rocha (1998a) nas três margens da criação lexical e, apesar das duas primeiras serem igualmente importantes é na terceira margem – a do léxico interdito – em que Guimarães Rosa criou seu *co-sistema* roseano, tonando singular a inventividade de sua escrita.

Considerações finais

Como já dito, João Guimarães Rosa é um escritor de suma importância para o cenário literário brasileiro, seja por seu modo universal de retratar o que é regional através de Minas Gerais, seja por sua criatividade na invenção de novas palavras.

As discussões aqui apresentadas em torno da produção neológica de Guimarães Rosa em *Primeiras Estórias* permitiram perceber a importância do referido autor para a literatura brasileira de modo geral, não apenas pela forma universal com que retratou temas regionais, mas também por sua inventividade lexical ao criar seus neologismos que, de certa forma, trazem junto ao seu significado parte do Guimarães Rosa enquanto homem, escritor, médico, rebelde, diplomata e poliglota, como também mistura a linguagem erudita com a popular, em que percebemos um encontro de culturas (a popular rural, fonte de sua inventividade, e a erudita, que lhe permite manipulações linguísticas em favor da criação vocabular) as quais se unem em uníssono em suas criações lexicais.

Noutras palavras, Rosa manipulou as potencialidades da língua com tamanha inventividade porque era dela um profundo conhecedor, da sua estrutura léxico-gramatical, um erudito sabedor dos vários substratos constituintes da língua portuguesa. E por saber de modo tão peculiar sobre a língua pôde campear nas veredas do interior brasileiro os sentidos que pretendia dizer no seu *substractum* linguístico-cultural. A sabedoria popular rural, as memórias narrativas de uma vida inteira Rosa reinventou continuamente em seus neologismos.

As suas *Caprichosas e ousadas manipulações da gênese inventiva* o põem no conjunto dos escritores de alçada universal pelo labor com a linguagem, em favor de uma estética em que a forma está entrelaçada e entranhada de trilhas para os enredos e personagens, cujas vozes são, sobretudo, o grau máximo das potencialidades de manipulação que a língua permite a um escritor de criação tão inventiva quanto foi Guimarães Rosa.

As manipulações que os neologismos representam não são únicas: outras há em que a ousadia inventiva garante expressividade em favor, sobremaneira, do poético. No entanto, de modo ainda preliminar, é o que folgamos apresentar com o afã de ter trazido algumas manipulações neológicas roseanas de modo a incitar o olhar também linguístico para sua obra.

Referências bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. vol. I. 2. ed. Campo Grande-MS: EDUFMS, 2001. p. 33-51.

CARDOSO, Elis de Almeida. A poesia: escolha lexical e expressividade. In: GIL, Beatriz Daruj; CARDOSO, Elis de Almeida; CONDÉ, Valéria Gil. **Modelos de análise lingüística**. São Paulo, Contexto, 2009. p. 67-77.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fronteira, (1975).

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Imprensa Portugal-Brasil, 1925.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IGNEZ, A. F. O romance: a formação neológica de adjetivos. In: GIL, Beatriz Daruj; CARDOSO, Elis de Almeida; CONDÉ, Valéria Gil. **Modelos de análise lingüística**. São Paulo, Contexto, 2009. p. 29-45.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, (2002).

MACEDO, Tânia. **Guimarães Rosa**. São Paulo: Ática, 1988. p. 05-26.

MARTINS, Evandro Silva. A neologia na literatura: a criação milloriana. In: ISQUERDO, Aparecida Negri.; KRIEGER, Maria das Graças. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. vol II. Campo Grande-MS: EDUFMS, 2004. p. 53-64.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O Léxico de Guimarães Rosa**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. Guimarães Rosa e a terceira margem da criação lexical. In: MENDES, L. B.; OLIVEIRA, L. C. V. de (Orgs.). **A astúcia das palavras** – ensaios sobre Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998a, p. 81-100.

_____. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998b.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. 28. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. O valor linguístico. In: _____. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 130-141.